COMUNIDADE CRISE D'ÁGUA EM SÃO PAULO: MEDIAÇÕES PROTAGONIZADAS PELA SOCIEDADE CIVIL NÃO ORGANIZADA NO *FACEBOOK*

COMMUNITY WATER CRISIS IN SÃO PAULO: MEDIATIONS CARRIED OUT BY NON-ORGANIZED CIVIL SOCIETY ON FACEBOOK

Jane M. Mazzarino[1]
Rodrigo Muller Marques[2]
Marina Antunes Martini[3]

1. Doutora em Ciências da Comunicação (Unisinos), professora permanente do PPG Ambiente e Desenvolvimento (Univates) e coordenadora do Grupo de Pesquisa Comunicação, Educação Ambiental e Intervenções (CEAMI – CNPq/Univates), Centro Universitário Univates, Lajeado, RS. E-mail: janemazzarino@univates.br.

2. Graduando do curso de História (Univates). Bolsista FAPERGS (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul) e do Grupo de Pesquisa Comunicação, Educação Ambiental e Intervenções (CEAMI – CNPq/Univates), Centro Universitário Univates, Lajeado, RS. E-mail: rmmarques@univates.br.

3. Graduanda do curso de Direito, voluntária do Grupo de Pesquisa Comunicação, Educação Ambiental e Intervenções (CEAMI – CNPq/Univates), Centro Universitário Univates, Lajeado, RS.
E-mail: antunesmartini@gmail.com.

Resumo: A crise hídrica em São Paulo foi tema recorrente nas mídias tradicionais e redes sociais entre 2013 e 2015. A rede social *Facebook* possui a ferramenta de criação de "comunidades" por usuários, o que possibilitou o surgimento da comunidade A Crise da Água em São Paulo, um lugar de debate do tema. O objetivo do artigo é investigar os usos sociais e as mediações protagonizadas por este grupo da sociedade civil não organizada, que não necessita passar pelos constrangimentos das organizações jornalísticas para publicar suas pautas. O estudo é exploratório e descritivo, quanti-qualitativo, e faz uso de pesquisa bibliográfica e documental. As análises estão organizadas em três categorias de análise: a) perfil da comunidade; b) engajamento (participação dentro da comunidade, posts mais curtidos/comentados e reverberação interna); c) agendamento (temas das postagens, fontes, links, etc.).

Palavras-chave: Comunicação ambiental virtual. Crise da água. Método quanti-qualitativo.

Abstract: The water crisis in São Paulo was a recurring theme in traditional media and social networks between 2013 and 2015. The social network Facebook has the tool to create "communities" for its users, which made possible the arise of the community The Water Crisis in São Paulo, a place of discussion of the theme. The purpose of this article is to investigate the social uses and mediations carried out by this group of the non-organized civil society, which does not need to go through the constraints of journalistic organizations to publish their guidelines. The study is exploratory and descriptive, quanti-qualitative, and makes use of bibliographical and documentary research. The analyzes are organized into three categories of analysis: a) community profile; b) engagement (participation within the community, more liked/commented posts and internal reverberation); c) agenda setting (themes of posts, sources, links, etc.).

Keywords: Virtual environmental communication. Water crisis. Quanti-qualitative method.

1 Introdução

A crise da água no estado de São Paulo foi tema recorrente nas mídias tradicionais e nas redes sociais entre 2013 e 2015. A comunidade "A Crise da Água em São Paulo", surge no *Facebook*, tendo como característica a crítica ao tratamento dado a este acontecimento por diferentes atores sociais. Trata-se de um espaço livre das restrições para publicação impostas pelas mídias tradicionais (seleção de fontes e de pautas e os constrangimentos decorrentes da edição das mensagens, por exemplo). Neste sentido, instigou-nos compreender quais usos sociais a sociedade civil não organizada institucionalmente faz deste espaço aberto, quando se pronuncia e protagoniza um processo de mediações em relação ao problema ambiental hídrico vivido em São Paulo.

O ciberespaço aparece como um território onde se dão as mediações, os processos simbólicos e de construção de sentido, um espaço global e amplo, um lugar flexível, interativo, com fontes plurais e acessível a trocas. Portanto, pensar e pesquisar a comunicação em uma sociedade midiatizada e em rede é algo complexo e envolve múltiplas interações (Castells, 2010; Cardoso, 2007; Musso, 2006; Moraes, 2006).

Internautas emitindo opiniões e produzindo informações medeiam discursos sociais provenientes de suas interações com outros e com as mídias que acessam. Desse modo, são ativos nos processos de comunicação e participação social. Esses processos possibilitam o fortalecimento do corpo social (Di Felice; Torres, Yanaze, 2012).

Segundo Martin-Barbero (2006), a comunicação hoje se coloca como lugar de duas oportunidades: a de digitalização, que traz consigo uma linguagem comum de dados, sons, textos e imagens; e ser um novo espaço público de cidadania e participação. Os novos dispositivos criam novas formas de relacionamento, de comunicar e de participar, um novo território com seus próprios processos simbólicos e de interação.

Mudam e aparecem desenhos de sociabilidades híbridas, empoderamentos e relacionamentos. As mídias na sociedade em rede criam novos territórios fluídos de debate

e discussão, um lugar móvel, influenciado socialmente, mas não controlando absolutamente. No caso das redes sociais, observa-se que oportunizam conhecimento, informação e participação para internautas e instituições (Castells, 2010; Cardoso, 2007).

Os modos de apropriação das mídias organizam grande parte das relações na sociedade em rede, os papéis sociais, trocas de informação, formas de entretenimento, de ação e de organização, designando interdependências e interinfluências diversas (Cardoso, 2007). Portanto, não podemos pensar isoladamente uma mídia, já que elas interagem e formam redes.

Além disso, há múltiplas mediações nos processos de comunicação: tecnológicas, situacionais, decorrentes da experiência, da formação, do contexto sócio histórico, etc. Nesse complexo jogo, a cultura se constrói por meio das mediações, assim como as mediações são também construídas por meio de processos culturais. As mediações caracterizam-se pela sua multiplicidade e seus cruzamentos, afetando modos de ser individuais e coletivos. São filtros pelos quais os sentidos passam em um processo de construção/reconstrução contínua de sentidos, criando um pano de fundo em que se dão as trocas culturais cotidianas. A cultura cotidiana se concretiza por meio das mediações, que requerem negociação de sentidos entre emissores/receptores e receptores/emissores do processo comunicacional. Assim, aspectos relativos à comunicação, à política e à cultura, retroalimentam-se e transformam-se através das mediações (Bastos, 2008; Wottrich, Silva, Ronsini, 2009; Martín-Barbero, 1997; esteves, 2003).

Deste modo, as mediações colocam-se como processos simbólicos estruturantes, e não apenas como extensão dos meios. Elas provêm de diversas fontes e incidem nos processos de comunicação, afetando as interações comunicativas dos diferentes atores sociais (Martín-Barbero, 2006). Interessa-nos analisá-las em suas especificidades quando o ambiente em que acontecem é uma comunidade do *Facebook* que tem como membros atores das áreas ambien-

tal e da educação, filósofos, psicólogos, e outros, os quais evidenciam uma formação técnica e/ou acadêmica.

2 Método

Por meio das pesquisas bibliográfica e documental, com abordagem quanti-qualitativa, analisaram-se as publicações da comunidade A Crise da Água em São Paulo, no *Facebook*, realizadas ao longo de todo ano de 2014, contemplando-se três categorias: perfil da comunidade (perfil dos membros, frequência e autores das postagens, membros mais ativos), agendamento (temas e fontes das postagens) e engajamento (curtidas, comentários, críticas, conflitos). Estas categorias compõem a macrocategoria mediações, decorrente das interações deste grupo social. Na análise fez-se uso da técnica de análise textual de Moraes (2007).

3 Análises

3.1 Perfil da comunidade

O grupo é formado por pessoas de variadas profissões e áreas de conhecimento e são de regiões distintas do país. Os membros são das áreas ambiental e da educação, filósofos, psicólogos, e outros, os quais evidenciam uma formação técnica e ou acadêmica.

A comunidade “A crise da água em São Paulo” cresceu de maneira rápida. Em novembro de 2014 havia em torno de 400 membros, sendo que um ano depois o grupo contava com mais de 3000 membros, aumentando aproximadamente 7 vezes o seu número.

3.1.1 Quantificação e autores das postagens

Observou-se que o “volume” de postagens feitas dentro da comunidade varia bastante, em ambos os períodos de coleta. No período de 10/09 a 19/10 o número de postagens

varia de 13 a 150 posts por semana totalizando, no período de 40 dias corridos desta etapa de análise, 269 postagens o que indica, uma média de 6,71 posts por dia. Dos membros ativos, Martha Lu é geralmente quem mais posta: 129 dos 269 posts do período. Ela é seguida por Nelson Pompeu (40), Doron (14) e Lelo Silveira (11). Fernando Macedo aparece com 21 postagens em uma semana e nenhuma nas demais do período, o que indica que há membros que não mantém uma continuidade e/ou regularidade de participação.

Nas semanas da etapa aleatória de pesquisa que ocorreu de novembro de 2014 a fevereiro de 2015, totalizando 28 dias de coleta registraram-se 357 postagens, com média de 12,65 posts/dia. Há nos períodos diferenciações, pois havia agravamentos e momentos de amenização da crise, e a comunidade aumentou o número de membros com o decorrer do tempo, dentre outras variáveis que devem ser levadas em conta para pensar o "volume" de postagens.

3.2 Engajamento

3.2.1 Posts mais curtidos

Os posts com maior número de curtidas no primeiro período trataram da água no cotidiano (uso da água, desperdício, falta d'água, dicas e invenções para economizar de água); água como crise (previsões do fim da crise, disputas pela água, a crise ocultada, volume e nível dos reservatórios, cortes e racionamentos, rios e barragens secas, faltas de chuvas); direito de acesso a água (relacionado à protestos, petições, eventos, palestras e posicionamentos de organizações nessa vertente); disputas políticas e partidárias, (críticas ao governo do Estado, postagens sobre divergências entre os governos de RJ e SP e a ocorrência do tema entre os debates dos candidatos nas eleições de 2014); propostas de soluções aparecem em postagens sobre a abertura de poços artesianos, planos de contingência da crise, possibilidade do uso de água dos rios e medidas para evitar o desabastecimento. Salienta-se que um post relacionado à Sabesp, que

tratava de sua exclusão do comitê da bacia hidrográfica pela justiça aparece entre os mais curtidos.

No período aleatório os posts mais curtidos referiam-se ao problema da água como tragédia social e ambiental (imagens de peixes mortos, situação dos rios, êxodo por falta d'água); água como crise (escassez hídrica, distribuição e falta de água, doenças causadas devido à má qualidade, possibilidades de chuva e melhoria ou piora da crise, níveis de reservatórios); o direito de acesso a água, quando os posts foram relativos a protestos, eventos e manifestações, além de postagens que explicitam o direito de acesso à água e a defesa do mesmo.

Nos dois períodos é possível notar a confluência existente no número de curtidas dadas à determinados temas, dentre eles aponta-se: água como crise, direito ao acesso à água, disputas políticas e partidárias e propostas de soluções, que são os temas que mais aparecem nos dois períodos de coleta.

O andamento da crise, o clima, a cobertura da mídia e, por exemplo, os períodos de eleições influenciam expressivamente o número de curtidas. Não há como determinar a real significação dada pelo usuário ao curtir, mas há pontos que mostram que esses assuntos ao menos geraram alguma forma de participação dos membros da comunidade, enquanto outros tiveram menor número de curtidas e provavelmente um menor "reconhecimento" por parte dos membros que visualizaram a postagem. Pertinente cogitar que há a possibilidade de alguns membros nem terem visto alguns posts.

Dentre os posts mais curtidos não aparecem apenas os que se referem à crise hídrica, portanto os internautas usam esse espaço para outras pautas.

Também se observou a prática de autorreferencialidade entre os membros, caracterizada por postagens nas quais eles mesmos coletaram imagens e informações sobre a questão hídrica (andamento de obras, qualidade da água, situação dos reservatórios, etc) ou postagens nas quais eles emitem sua opinião referente à crise.

3.2.2 Posts mais comentados

No primeiro período de coleta há uma grande variabilidade no número de comentários: de 1 a 30 comentários/post. Chamou a atenção que o Post com maior número de comentários se referia a um evento *fake* (aconteceram alguns eventos desta natureza na rede social no período de análise), que seria o convite para participar da maior dança da chuva. O segundo post mais comentado informa que no condomínio do governador há 5 piscinas cheias de água. Outros posts que lideraram os comentários referem-se a críticas à administração do PSDB, informam sobre os níveis do Cantareira, plano de contingência, chuvas, questionamentos sobre formas de enfrentar a crise, demissão de presidente da SABESP, conflitos de ordem partidária na comunidade, foto de Martha Lu em palestra com Pedro Jacob, pesquisador da USP, entrevista do governador passando a ideia de que está "tudo bem", solicitação de mais água do volume pela SABESP e divulgação de nota da ANA sobre o sistema Cantareira, culpando o governo de São Paulo por adiar reunião com o grupo técnico de assessoramento da crise, que estabelecera redução na vazão de retirada de água e adiamento de planos sobre reservatórios da SABESP.

No período de análise aleatório os comentários vinculados aos posts variaram de 5 a 55. Algumas das postagens que receberam um maior número de curtidas também constam entre os mais comentados.

Entre os temas que receberam mais comentários estiveram: participação em reunião do comitê da crise, convite para a participação em organização que busca divulgar a situação da crise hídrica nas redes, notícias sobre a diminuição na gravidade da crise e o problema sendo tema de desfile de carnaval. O nível da água também é bastante comentado, o posicionamento do governador ao "negar" a crise, descompromisso de técnicos, ambientalistas e população com a situação, informações produzidas por membros do grupo e também da mídia comercial geram comentários, assim como o aumento de gastos com compra de água. Críticas partidárias, as formas de calcular o nível do Cantareira, críticas

quanto as disputas partidárias entre governo federal e estadual são temas que também aparecem.

Da mesma forma, geram comentários na comunidade a contaminação de uma moradora devido a qualidade da água, o discurso do novo diretor da SABESP, notícias sobre chuva, nível da água, falta de água e também manifestações da população, reunião entre prefeitos para discutir a crise, fotografias que retratam a mortandade de peixes, eventos e obras prometidas para minimizar a falta de água.

Um outro tipo de post bastante comentado refere-se a protestos organizados por meio da comunidade, caso de Itu. Acusações a omissões do governo estadual também gera comentários nas postagens, os quais expõem posicionamentos de membros que entendem que Alckmin oculta ou "modifica" a real situação da crise. A mídia é criticada por ocultar a crise, há ainda comentários que decorrem da preocupação com problemas de abastecimento de água às famílias.

Os temas dos posts mais curtidos reaparecem entre os posts mais comentados. Não necessariamente uma postagem mais curtida é a mais comentada e vice e versa. Observa-se que entre os posts não curtidos e que são comentados encontram-se aqueles que tem a Sabesp como ator: ou por não estar cumprindo suas funções, ou por tomar decisões relacionadas ao problema (que muitas vezes são criticadas). ANA também é criticada em alguns dos posts mais comentados. Martha Lu, que é o membro que mais posta na comunidade, consegue gerar mais comentários em algumas das semanas analisadas, o que indica seu poder de agendamento no grupo. Ela agenda vários debates que acontecem na comunidade e participa ativamente deles.

O acompanhamento da crise aparece nos dois períodos, juntamente com a questão partidária, que durante toda a coleta de dados se mostra um dos temas de maior reverberação dentro da comunidade, e com a crise hídrica. Na listagem desses posts mais comentados, pertinente apontar que as críticas predominam, seja contra partidos, brigas partidárias, mídias, pessoas ou instituições.

As informações que os membros dos grupos trazem geram debates, mostrando o potencial aberto pela rede para

produção do próprio material por parte do usuário e problematização do mesmo por parte desses.

3.2.3 Membros que mais se engajaram por meio de curtidas e comentários

Analisando-se os dez membros que mais curtiram nos primeiros quarenta dias de análise identificou-se que Nelson Pompeu (169) foi o que mais interagiu na comunidade por meio dessa ferramenta, seguido por Marcos Feô Spallini (56), Martha Lu (53), Daniel T. da Silva (46). Estes 4 membros totalizaram 324 das 546 curtidas realizadas pelos dez membros mais ativos de cada semana do primeiro período.

No segundo período de análise quem mais curtiu foram Martha Lu (142), Darcy Brega (138), Marcos F. Spallini (116), Cláudio Milz (108) e Mônica Abreu (90). Juntas as dez pessoas que mais interagiram na comunidade por semana no segundo período somaram 668 curtidas, de um total de 1012 curtidas.

Os cinco integrantes que mais comentaram no primeiro período de análise foram Martha Lu (81), Doron Grull (71), Maurício Aferal (31), Marcos Feô Spallini (24) e Nelson Pompeu (23). Quando se contabiliza as postagens dos dez membros mais ativos de cada semana do primeiro período identifica-se que juntos postaram 250 de 306 comentários.

Nelson Pompeu, Marcos Feô Spallini e Martha Lu são os que mais interagiram no período por meio de comentários aos posts. Observa-se que alguns membros preferem utilizar o mecanismo curtir, enquanto outros preferem comentar. Alguns utilizam as duas ferramentas. Quando se analisa as dez pessoas que mais interagiram na comunidade por semana no primeiro período de análise identificou-se uma preferência pela ferramenta curtir (546) em relação ao comentar (306).

Os membros que mais interagiram postando comentários no segundo período de análise, foram: Doron Grull (88), Martha Lu (83), Mônica Abreu (37). Considerando-se os dez

membros que mais comentaram por semana nesse período de análise aleatório juntos postaram 208 de um total de 370,

A arquitetura da rede social *Facebook* possibilita esse tipo de interação. Difícil mensurar o que exatamente significa o curtir e o comentar, impossível quantificar a importância de cada, tanto para quem posta quanto para quem curte e/ou comenta. Quando um usuário da rede comenta, acredita-se que determinada postagem gerou maior engajamento ou significação, mas não necessariamente que isso tenha ocorrido. Há muitas variáveis em jogo e muitos modos de participar, com diferentes intensidades em cada um.

3.3 Agendamento

3.3.1 Temas das postagens

No primeiro período de coleta, as categorias que apareceram nos posts foram as seguintes: acompanhamento da crise, conscientização e críticas.

Como acompanhamento da crise incluiu-se postagens sobre situação dos rios, previsões, monitoramento, uso de caminhões pipa, racionamento, qualidade da água, ações do governo, fila em busca de água, bônus para quem poupar água, conflito entre ANA e SABESP etc.

Na categoria conscientização aparece postagens sobre formas de economia de água, educação ambiental, água como direito, manifestação de especialistas, evento, pedido do fim da privatização da água, mobilizações/manifestações/protestos, postagens de filmes e desperdício.

Críticas foram identificadas em postagens sobre descaso da população, otimismo do governo diante da crise, críticas a Alckmin, mídia ocultando a crise, ocultamento de informações pela SABESP, conflitos partidários decorrentes da crise, culpabilização de gestores públicos e da população, punições, causas da crise, falta de planejamento, má gestão das águas, culpabilização do governo de SP e críticas à Sabesp.

No período de coleta aleatória observou-se os seguintes temas de postagens: acompanhamento da crise, conscientização, críticas e propostas para saída da crise.

A categoria que diferencia os dois períodos é propostas/saídas para a crise, que refere-se a invenção para transformar umidade do ar em água potável, sistema de captação de água em estádio de futebol, debates sobre medidas para enfrentamento da crise e um plano de San Diego para transformar esgoto em água potável.

No segundo período aparecem postagens esparsas, reunidas na categoria "Outros", que se refere a divulgação de livro em construção por um dos membros, poemas, charges, mensagens de cunho espiritual, divulgação do conceito de "hidrocidadania", postagens de textos motivacionais, de perseverança, poemas.

Observou-se no estudo que de todas as postagens no grupo (626 em seis meses de coleta), 103 geraram algum tipo de debate/conflito, muitas vezes com indicativos de conflitos comunicacionais, relativos aos posicionamentos de seus membros perante a crise hídrica ou temas paralelos. No primeiro período de análise 8% dos posts geraram conflitos, enquanto no segundo foram 8,1 %.

Ao se observar que o maior número de posts que geraram conflitos proporcionalmente quando as semanas possuem fluxo maior de postagens, questiona-se: O número de postagens que determina os conflitos ou os conflitos que determinam o número de postagens?

Em uma semana de poucos posts também pode haver mais conflitos. Analisar isso é muito sazonal: precisamos também considerar o contexto da crise, o que acontecia na realidade social no momento das postagens. Na época de férias e festas, fim de dezembro e início de janeiro, houve uma diminuição nos posts por conta que os membros estavam em férias, por exemplo.

Quando há conflito, em alguns momentos reverberou o mesmo tema em outros posts. Por exemplo, em um conflito o membro comenta que as obras do Cantareira estão atrasadas. As vezes este mesmo membro procurou uma notícia a

respeito de seu comentário e postou na comunidade. O conflito pode "multiplicar" debates e posts.

3.3.2 Fontes

Observou-se que há uma diversidade de fontes que pautam a comunidade, formando uma mescla de mídias tradicionais e não tradicionais com postagens de textos e fotografias próprias.

Quadro 1: Fontes utilizadas nos posts dos primeiros quarenta dias

Número de citações da fonte	**Fonte**
22	Portais (TV UOL, R7, UOL, G1, The Globe And Mail)
22	Postagens a partir de fotografias e postagens próprias
19	Grandes jornais nacionais (folha de são Paulo, Estadão, globo)
18	Mídias digitais relacionadas a sociedade civil organizada e não organizada (Olho dos mananciais/ISA, SOS Mata Atlântica, Instituto Braudel, Staff News, Nós queremos água)
12	Postagens decorrentes de compartilhamento de outros perfis
8	Canais de áudio e vídeo (Youtube, Vocaroo)
6	Fontes públicas (SABESP e Câmara municipal de São Paulo)
3	Site Nossa Água SP que oferta informações sobre o nível de água em diferentes represas de São Paulo

Fonte: Elaborado pelos autores

Os repasses de postagens de mídias tradicionais, resultado que encontramos ao somarmos notícias de jornais nacionais e portais, lideram o agendamento junto da comunidade. Salientam-se também os compartilhamentos de perfis variados do *Facebook*, que se somadas as postagens de fotografias e textos próprios ocupam a segunda posição no agendamento da comunidade. Em seguida aparecem fontes da sociedade civil organizada e não organizada.

Quadro 2: Fontes utilizadas nos posts do período de amostragem

Número de citações da fonte	**Fonte**
63	Relacionadas a grandes jornais nacionais (folha de são Paulo, Estadão, globo, Planeta Sutentável-Abril, El Pais)
24	Postagens de portais (R7, UOL, Globo TV,)
15	Compartilhamentos de outros perfis
14	Áudio e vídeo (Youtube, TV câmara de Campinas-canal do youtube,)
12	Fonte própria
5	Mídias digitais relacionadas a sociedade civil organizada e não organizada (Medium)

Fonte: Elaborado pelos autores

No caso da comunidade "A Crise da Água em São Paulo", as mídias mais tradicionais, os veículos mais acessados e o próprio usuário, formam um mosaico de fontes utilizadas nas postagens dentro da rede.

Há uma predominância de mídias tradicionais no agendamento da comunidade, dentre elas foram usadas reportagens e informações de jornais nacionais e internacionais, juntamente com alguns portais vinculados à grandes canais de mídia. Observa-se ainda a tendência de compartilhar postagens de outros perfis e também a criação de postagens próprias dos membros. Verifica-se a pouca expressividade de fontes da sociedade civil organizada ou não.

As mídias de menor porte e a sociedade civil organizada ou não organizada também aparecem entre as fontes mais utilizadas, porém em número bem menor do que as mídias/canais mais tradicionais.

O grupo não foge tanto assim do "comum" na questão de fontes utilizadas, pois em grande parte, o número mais elevado de citações, fica elencado nessas mídias tradicionais, as mesmas que sofrem muitas críticas em muitas postagens realizadas por membros.

Há também postagens "híbridas", onde se usa a grande mídia, ou como uma "âncora"/complemento, ou até mesmo para ser criticada. Forma-se um processo de retroalimen-

tação, onde o tradicional e o novo, o reacionário e o marginal interagem de forma ampla e se influenciam da mesma forma.

Existe interações entre os diferentes atores/agentes, porém, ainda assim, na relação comunicativa há grupos econômicos detentores das mídias, de marcas, instituições, o Estado, dentre outros que também emitem notícias de forma mais massiva, terminando por agendar debates e muitas vezes tem mais repercussão e reconhecimento do que informações advindas de outros grupos ou pessoas.

Especialmente em relação aos links, observou-se, no primeiro período de coleta que 77% dos posts usaram deste artifício, enquanto no segundo período 73,6% apresentaram links. Apesar de haver alguma variabilidade na presença de links nos posts, há um extenso uso deles pelos membros da comunidade, já que em torno de ¾ das postagens evidenciam o uso de links.

O que emergiu nos períodos de análise é que houve uma confluência de opiniões e visões, e os debates ficaram sobre temas que não necessariamente ligados à comunidade ou à crise.

4 Para finalizar

As próteses midiáticas, segundo Sodré (2006) condicionam a experiência vivida, possibilitando um novo modelo de presença do sujeito no mundo, o que redefine o espaço público, estrutura e reestrutura percepções e cognições. Para Orozco Gomes (2006), a rede é um espaço de trocas de significados, de negociações, de mediações que vem de diferentes fontes incidindo sobre o processo de comunicação.

Observou-se entre as fontes de mediação na interação entre os membros emergiram principalmente suas características pessoais (modos de ser, formação, atuação, preferências político-partidárias, cultura) e as fontes de informação (grupos sociais, mídias, relações eventuais). Estes elementos mediaram o modo como os membros perceberam e discursaram sobre o problema hídrico de São Paulo.

Ao postar o membro pauta a comunidade com assuntos que considera relevantes para si e para o outro, a partir do seu olhar sobre o mundo. Deste modo as tecnointerações na rede, como as que observamos na comunidade estudada, constituem-se em um espaço para a performance de sujeitos políticos, onde se movimentam e interagem, exercem o direito de ser visto e ouvido, de existir, de contar socialmente, de ser reconhecido (Martin-Barbero, 2006). As tecnologias medeiam as manifestações de internautas que, por sua vez, medeiam visões de mundo próprias e de outros que autorizam ao publicarem, compartilharem, curtirem. Assim, as tecnologias oferecem condições para novos modos de construir a opinião pública, de fazer política e de exercer a cidadania individualmente e em coletivos formados por pessoas que necessariamente não se conhecem pessoalmente, mas tem objetivos ou ao menos preocupações comuns.

As tecnologias de mídia têm a potencialidade de fortalecer o debate político. Para Cardoso (2007) o exercício da cidadania é cada vez mais a combinação entre o face-a-face e o mediado, levando em conta que é a mídia que muitas vezes medeia este exercício. Neste sentido, Augé (2006, p. 114) afirma que na medida em que cabe a cada um elaborar seu ponto de vista, opiniões induzidas tendem a ser percebidas como pessoais. Para o autor "as mediações políticas estão submetidas assim ao exercício midiático"

Lemos (2009) percebe a potencialidade do uso político das mídias e entende que a esfera comunicacional que se cria com as mídias pós-massivas potencializa a ação política, a recriação das formas comunitárias, assim como o imaginário da comunicação livre, democrática e global. Para Lemos (2009, 27), "a conversa se dá na própria ação midiática, nos espaços eletrônicos do ciberespaço", ampliando o capital social.

A comunidade estudada constituiu um ecossistema comunicativo (OROZCO GOMEZ, 2006) quando se colocou como espaço de circulação de informações proveniente de diferentes meios. Deste modo, a rede constituiu-se em um espaço de democratização da informação, de transformação de modos de pensar, um espaço social diversificado, de

criação de algum tipo de vínculo decorrente das conexões, um território informativo, horizontal, espaço de expressão e para práticas de habitar (Musso, 2006; Kellner, 2006; Difelice, Torres e Yananaze, 2012)

O estudo mostra possibilidades de participação social de diferentes internautas na rede social o *Facebook*. A comunidade A Crise da Água em São Paulo ocupou um lugar de divulgação, acompanhamento e problematização da crise. DiFelice, Torres e Yananaze (2012) entendem a rede como um sistema que autoorganiza-se por meio das interações e constitui um padrão.

A comunidade analisada constituiu um padrão com características de um lugar midiaticamente híbrido, certamente, já que foi agendada pelos canais hegemônicos, o que se misturou a postagens próprias, as quais não se distanciaram muito das mídias "tradicionais".

Os membros da comunidade, não abordaram somente a crise hídrica, por vezes, discussões e postagens sobre política, brigas partidárias e interesses mais individuais que coletivos predominaram nas postagens da comunidade.

Os graus e modos de participação na comunidade são bastante variáveis: alguns membros, durante os períodos de coleta não postam, curtem ou comentam. A interação fica centralizada em poucos membros. E estes focaram suas postagens mais em uma postura de descontentamentos e crítica do que no apontamento de soluções ou mobilizações.

O *Facebook* possibilita que demandas da sociedade civil não organizada seja midiatizadas com menor manipulação, mas mesmo assim o grupo não conseguiu assumir um protagonismo nas questões de debate ambientais em âmbitos maiores do que o que tange o ambiente virtual da comunidade, com exceção de Martha Lu, que repercutiu palestras que fez.

De modo geral a comunidade postou assuntos sem um debate aprofundado e gerador de mobilização ou interlocução com outros grupos organizados ou não. As discussões reiteradamente lembravam conversas de bar, talvez porque ambas as interações (em bares ou em redes) remetam a modos de interação mútua e compartilhamento informal.

As redes possibilitam experiências de interação mútua, caracterizada por relações interdependentes e processos de negociação em que cada um participa da construção inventiva e cooperada do relacionamento, afetando-o mutuamente (Primo, 2011). Em interação mútua, os participantes vão se transformando: cada pessoa movimenta experiências passadas, esquemas cognitivos, crenças culturais. Tudo isso integrando processos de midiatização agendam as próximas interações, indefinidamente, conforme o interesse mútuo para conversar, compartilhar posicionamentos e negociar sentidos. Para Vizer (2011), ao fim e ao cabo, o que está em jogo é a construção de sentido da vida social, no que, é perceptível, as mídias estão cada vez mais presentes.

5 Para reiniciar

As mediações e as midiatizações têm afetado de modo intrínseco o que fomos, somos e seremos. Este artigo teve a intenção em contribuir para conhecer estes movimentos em processos de comunicação ambiental, campo em formação que assume importância crescente diante do cenário de crise diagnosticado especialmente a partir da percepção das mudanças climáticas e da limitação dos recursos naturais para dar conta do consumo desenfreado, solicitado para a manutenção da sociedade capitalista como se apresenta contemporaneamente.

A comunicação ambiental refere-se tanto a interações face a face, mediadas socialmente, quanto midiatizadas; quer sejam engendradas por organizações da sociedade civil organizada ou não organizada, pelos campos privado ou público; ou feitas a partir das diferentes áreas profissionais que ocupam espaço no campo comunicacional, das mais tradicionais (publicidade, propaganda, relações públicas, jornalismo, marketing) às emergentes (design, inovação social, etc..); ou, ainda, por meio de interface com áreas como a educação (educomunicação socioambiental) ou outras como a saúde, o direito, a engenharia e a psicologia, para citar algumas possibilidades. Em síntese, a comunicação ambiental refere-se

às interações em que o que as move sejam as temáticas ambientais. Difícil, no entanto, é inferir o que não é uma temática ambiental se tomarmos por pressuposto o paradigma da complexidade e a teoria sistêmica. Ambas nos solicitam a perguntar de onde vem e para onde vão as coisas que nos circundam, o que revelará facilmente que tudo está relacionado com o ambiente.

Daí considerarmos que a comunicação ambiental é um campo em formação, que mostrará a pertinência de uma construção epistemológica que dê conta de seus emaranhados de sentidos, ranhuras, rupturas, assombramentos, estéticas, práticas sensíveis, processos de negociação, conflitos, encontros, métodos e técnicas de aproximação e análise científica, inclusive as que rompam com durezas e fixos que não dão conta de objetos que referem-se à vida, a qual transborda à rigidez da ciência como está estabelecida, ainda, apesar de tudo.

Exemplo disso é este artigo: quantifica, mapeia, apresenta padrões e tudo mais que se enquadra ao método científico coerente a um estudo exploratório dentro das ciências da comunicação, focado nas mídias. Como autores ofertamos uma contribuição singela para esta área de conhecimento. Mas ao seu final nos questionamos: e aí?

Aí intui-se fortemente que é chegada a hora de rompermos com mais do mesmo, inserindo-se no campo da comunicação ambiental estrategicamente, com intervenções que mexam com vitalidades em que a mídia seja menos protagonista que os seres. Em que a arte e a filosofia, assim como as sabedorias de todos os tipos, intuitivas e científicas, sejam valorizadas como dimensões ímpares de mesmo peso.

Que os links e os compartilhamentos gerem comunidade como ambiência da sociabilidade, de comunhões, de entrecruzamento flexível de multiplicidades de círculos, em combinações e associações indefinidas e indiferenciadas, onde os indivíduos exercitem o reconhecimento da experiência do outro que trata Maffesoli (2010) Vislumbra-se assim um mínimo de empatia mediada pelas questões do ambiente, percebido como externo (ecológico e social) e interno (subje-

tivo), o que pode fazer emergir os territórios existenciais de que nos fala Guattari (1990).

Para isso precisamos exercitar também no campo científico, entre os que se debruçam sobre a comunicação, novos acoplamentos, deformações nos modos de pensar teórica e metodologicamente o campo, desinformar-se, deixar velhas combinações para caminhar sobre ovos, desestabilizar os caminhos, partilhar com outras áreas e inventar olhar para novos objetos de estudo.

Propõe-se praticar reformas revolucionárias, micro revoluções no *ethos* científico da comunicação. Buscar outras estéticas e linguagens, evidentemente mais poéticas, para relatar e interpretar. Em tempos de retrocesso, talvez esta seja uma liberdade possível. Exercitar outros modos de fazer e ser cientista social parece-me vital para não evadir.

Referências

AUGÉ, M. 2006. Sobremodernidade: do mundo tecnológico de hoje ao desafio do amanhã. *In:* D. MORAES (org.). *Sociedade Midiatizada.* 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad. 246p.

BASTOS, M. T. A. 2015. Do sentido da mediação*:* às margens do pensamento de Jesús Martín-Barbero. *Revista FAMECOS*, n°35. Porto Alegre, 2008. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/4096/3097>. Acesso em: 23/03/2015: 86-89.

CARDOSO, G. 2007. *A mídia na sociedade em rede:* filtros, vitrines, notícias. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV. 528p.

CASTELLS, M. 2010. *Comunicación y poder.* Madrid: Alianza Editorial. 679p.

DI FELICE, M et al. 2012. Redes digitais e sustentabilidade: as interações como meio ambiente na era da informação. São Paulo: Annablume.

ESTEVES, J. P. 2003. *Espaço público e democracia:* comunicação, processo de sentido e identidade social. São Leopoldo: Unisinos. 219p.

GUATTARI, F. 1990. As três ecologias. Campinas, SP: Papirus. 56 p.

KELLNER, D. 2006. Cultura da mídia e triunfo do espetáculo. *In:* D. MORAES (org.). *Sociedade Midiatizada.* 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad. 246p.

LEMOS, A. 2009. Nova esfera conversacional. In: A. MARQUES *et al*. *Esfera pública, redes e jornalismo.* Rio de Janeiro: E-papers. 336 p.

MAFFESOLI, M. 2010.*O tempo das tribos:* o declínio do individualismo na sociedade de massa. Rio de Janeiro, Ed. Forense Universitária. 297 p.

MARTIN-BARBERO, J. 1997. *Dos Meios às Mediações:* comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ. 356p.

_____. 2006. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In MORAES, Dênis de (Org.). *Sociedade Midiatizada.* 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad. 246p.

MAZZARINO, J. M. 2009. *A cidadania da escuta.* Lajeado: Ed. Univates. Disponível em: https://www.univates.br/editora-univates/media/publicacoes/23/pdf_23.pdf. Acesso em: 14/11/2016. 192p.

_____. 2013. *Tecelagens comunicacionais-midiáticas no movimento socioambiental.* Lajeado: Ed. Univates. Disponível em: http://www.univates.br/media/manual/tecelagens_ebook.pdf. Acesso em: 14/11/2016. 402p.

MORAES, D. 2006. A tirania do fugaz: mercantilização cultural e saturação midiática. In MORAES, Dênis de (Org.). *Sociedade Midiatizada.* 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad. 246p.

MORAES, R. 2007. Mergulhos discursivos: análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos. *In*: J. V. FREITAS; M. C. GALIAZZI (org.). *Metodologias Emergentes de Pesquisa em Educação Ambiental.* Ijuí: Unijuí. 216p.

MUSSO, P. 2006. Ciberespaço, figura reticular da utopia tecnológica. *In:* D. MORAES, (org.). *Sociedade Midiatizada.* 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad. 246p.

OROZCO GÓMEZ, G. 2006. Comunicação social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos. In: D. MORAES (org.). *Sociedade Midiatizada.* 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad. 246p.

PRIMO, A. 2011. *Interação mediada por computador:* comunicação, cibercultura, cognição. 3. ed. Porto Alegre: Sulina. 239p.

SILVEIRA, S. A. 2009. Esfera pública interconectada, blogosfera e redes sociais. In: A. MARQUES *et al.* (Org.). *Esfera pública, redes e jornalismo.* Rio de Janeiro: E-papers. 336p.

SODRÉ, M. 2006. Eticidade, campo comunicacional e midiatização. In: MORAES, Dênis de (Org.). *Sociedade midiatizada.* Rio de Janeiro: Mauad. 246p.

WOTTRICH, L. H. *et al*. 2015. A Perspectiva das Mediações de Jesús Martín-Barbero no Estudo de Recepção da Telenovela. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXXII, Curitiba, PR. *Anais...* Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1712-1.pdf>. Acesso em: 12/03/2015: 1-15.

VÍZER, E. A. 2011. *A trama (in)visível: comunicação, sentido e realidade*. Porto Alegre: Sulina. p. 286.